

**OS CRAQUES DA LIBRAS: A IMPORTÂNCIA DE UM FESTIVAL DE
FOLCLORE SINALIZADO**

**THE LIBRAS SUPERSTARS: THE IMPORTANCE OF A FESTIVAL OF
SIGN LANGUAGE FOLKLORE**

**LOS ‘CRAQUES DE LIBRAS’: LA IMPORTANCIADA UNFESTIVAL
DEFOLKLORE EN LENGUAS DE SIGNOS**

Rachel Sutton-Spence *

Daltro Carvalho Junior **

Márcia Felício

Fernanda de Araujo Machado

Tarcisio de Arantes Leite

Betty Lopes L'Astorina de Andrade

Jaqueline Boldo

Resumo

O festival de folclore sinalizado, “Os Craques de Libras”, foi resultado de uma parceria entre a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Associação de Surdos da Grande Florianópolis, com apoio da Secretaria de Cultura da UFSC (SECULT). Com esse evento foi possível demonstrar que, nas comunidades surdas, há pessoas com o dom de criar e apresentar narrativas, poemas e piadas. Esses festivais, que acontecem no Brasil e em outros países, oferecem à comunidade surda a oportunidade de se reunir, de desenvolver a língua de sinais e de fortalecer sua identidade, pela transmissão de suas narrativas aos membros mais novos da comunidade. Reconhecendo a natureza colaborativa do folclore surdo, este relato de experiência foi escrito por meio de um trabalho de colaboração entre pesquisadores surdos e ouvintes, incluindo alunos de graduação, mestrandos e doutorandos e professores.

Palavras-chave: folclore surdo, festival de línguas de sinais, Libras.

A vida da comunidade surda brasileira tem passado por profundas transformações desde a virada do milênio, graças à criação da Lei 10.436, de 2002, que oficialmente reconhece a Libras como língua dos surdos brasileiros, e do Decreto 5.626, de 2005, que regulamenta a Lei de 2002, estabelecendo diretrizes para que esse reconhecimento seja transformado em políticas públicas, com benefícios reais para a

* Doutorado em Estudos Surdos pela University of Bristol, Inglaterra. Professora do Swarthmore College, Estados Unidos. Professora da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

E-mail: suttonspence@gmail.com

** Graduação Curso de Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

vida dos surdos usuários de Libras. Em meio a esse contexto, a UFSC se tornou uma referência nacional, liderando várias das frentes que têm possibilitado às pessoas surdas sair da marginalidade social e integrar os mais diversos espaços sociais, antes inacessíveis devido à barreira de comunicação.

Apesar de inúmeros avanços, a situação social, e também lingüística, da comunidade surda é ainda precária na maioria do país, inclusive em Florianópolis. Os surdos vivem como uma minoria linguística marginalizada, isolados socialmente, a despeito de seu pleno potencial para exercer a sua cidadania em pé de igualdade com os ouvintes. Mais de 90% das pessoas surdas nascem em famílias de ouvintes, que pouco conhecem a respeito da Libras e que, frequentemente, carregam preconceitos e estereótipos sobre o *status* da Libras, enxergando-a como uma forma inferior e limitada de expressão gestual, e da pessoa surda, como um deficiente incapacitado, que necessita de ajuda. Em contraposição a esses mitos sociais, as pesquisas científicas têm demonstrado que as línguas de sinais são línguas naturais com a mesma sofisticação lexical e gramatical das línguas orais, e que as limitações em geral atribuídas à surdez dizem respeito, antes de tudo, ao preconceito e ao despreparo da sociedade em lidar com a diferença surda.

O festival de folclore sinalizado, denominado “Os Craques da Libras”, objeto do presente relato, ocorreu nos dias 14 e 15 de novembro 2014, na Universidade de Santa Catarina, Florianópolis. Foi uma manifestação cultural cujo objetivo foi fomentar e difundir as produções e o saber do povo surdo. Karin Strobel (2008), em *As imagens do outro sobre a Cultura Surda*, (2008), discute as diferenças entre os conceitos de “povo surdo”. e “comunidade surda”. Povo surdo é definido como o grupo de sujeitos surdos que, embora não habitem a mesma região, ligam-se por uma origem, por um código ético de orientação visual, pelas línguas de sinais, pela cultura surda e por formas semelhantes de experimentar o mundo. Strobel (2005, p.37), citando Padden e Humphries, define comunidade surda como:

[...] um grupo de pessoas que vivem em determinado local, partilham os objetivos comuns dos seus membros, e por diversos meios trabalham no sentido de alcançarem estes objetivos. Uma comunidade surda pode incluir pessoas que não são elas próprias surdas, mas que apoiam ativamente os objetivos da comunidade e trabalham em conjunto com as pessoas surdas para os alcançar.

Durante o evento foram apresentadas produções artísticas em forma de contação de histórias, poemas e piadas criadas ou adaptadas por surdos em performances na língua brasileira de sinais, a Libras. Surdos e ouvintes interessados em adentrar esse universo, tecido numa língua de sinais, formavam o público do evento, já que nem só de pão vive o homem, mas também de arte e enriquecimento cultural. O festival “Os Craques da Libras” foi um momento de acesso a alguns dos vários aspectos da cultura surda, algo fundamental para construção de sua identidade.

De acordo com o Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, o termo “craque” refere-se a “indivíduo muito capaz no que faz”, ou ainda distingue alguém que, no futebol, seja “exímio esportista” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 861). No ano de 2014, o Brasil sediou a Copa Mundial de Futebol, e a ideia de “craques” esportivos esteve bastante em voga. Aproveitamos, então, esse mote para denominar o festival de folclore sinalizado de “Os Craques da Libras”, de modo a demonstrar que existem pessoas na comunidade surda com a fabulosa habilidade de criar e apresentar narrativas, poemas e piadas. Essas narrativas constituem parte do folclore das pessoas surdas. No festival, seis craques da Libras de diferentes cantos do Brasil e do mundo trabalharam com até cento e cinquenta alunos surdos para criar, desenvolver e fazer apresentações de folclore surdo.

Folclore: o saber do povo surdo

O termo folclore, do inglês “*folklore*”, é um neologismo criado por William John Thoms, em 1846, que reúne as palavras *folk* (povo) e *lore* (conhecimento). Esses termos, unidos, passam a significar o “saber tradicional de um povo”. O folclore se constitui de hábitos e costumes populares, bem como tradições que são transmitidas de geração em geração. Os povos transmitem suas lendas, seus contos, seus provérbios, canções, danças, artesanatos, culinária, religiosidade, idiomas, dialetos e arte. De modo ainda mais profundo, observa-se a também a influência do folclore no comportamento e organização social. Podemos dizer que o folclore é um legado intrínseco presente em cada indivíduo, em sua constituição social e de pertencimento a um povo. A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura- UNESCO, declara ainda que folclore é sinônimo de “cultura popular” e representa a identidade social de uma comunidade através de suas criações culturais, coletivas ou individuais, e é também uma parte essencial da cultura de cada povo.

Antes de o termo “folclore” ser cunhado, as matérias a ele relacionadas eram denominadas “antiguidades populares”. Essa expressão não foi considerada adequada, pois o saber de um povo não é um conhecimento cristalizado no passado. Embora com raízes em tradições passadas, todo folclore se transforma no contato com outras culturas, bem como no reconhecimento e aceitação de novas culturas e em seu trânsito globalizado, inclusive pelos meios de comunicação, como a internet. Atualmente o folclore tem o *status* de história não escrita de um povo, uma noção que, de acordo com McCleary (2003), se mostra pertinente ao folclore do povo surdo, que tem sua produção artística enraizada, no âmbito da corp(oralidade), sendo transmitido, primordialmente, em contextos de interação viva. McCleary (2003) argumenta que a oralidade, compreendida num sentido amplo, está relacionada aos contextos de interação face-a-face, motivo pelo qual deveria ser compreendida, não restrita ao som e à vocalização, mas sim a todo o uso da corporalidade. Nesse sentido, o folclore surdo também constitui o repertório de tradições orais, ou melhor, tradições corp(orais).

No passado, antes do advento de novas tecnologias de registro filmado e dos meios de comunicação da internet, como Youtube, Facebook, por exemplo, era nos encontros face-a-face das comunidades surdas que aconteciam os momentos de contação de histórias e outras performances artísticas em língua de sinais, que não eram registrados. Obviamente ficaram os registros na memória pessoal dos que tiveram a oportunidade de participar desses acontecimentos. Certamente recorrer a essas memórias, visando recuperar a história e a arte do povo surdo, é fundamental para a consolidação do folclore do povo surdo. Hoje, com a possibilidade de registro filmado das performances, o folclore sinalizado torna-se uma herança mais palpável para as próximas gerações. Encontros face a face, como os festivais, e o consumo das produções em língua de sinais (livros e DVDs), são legados que pretendem empoderar o status de folclore e literatura produzidos pelo povo surdo¹.

O folclore surdo ou *Deaflore*², como sugere Simon Carmel (1996), tem suas características culturais marcadas pelos temas escolhidos para produção de narrativas, piadas e poemas. As performances dos surdos são, normalmente, constituídas por elementos que remetem à experiência de ser surdo, ou seja, ao povo surdo. São elementos criativos que trazem temas referentes à relação entre surdos e ouvintes, às experiências visuais, às experiências de vida dos surdos de modo geral. À criatividade linguística presente no corpo, à estética de como essa arte se manifesta, Carmel (1996) chama de *Signlore*, onde o artista explora o corpo e o espaço de forma lúdica, teatral,

imprimindo emoções e beleza à *performance*. Os poemas são exemplos da forma como o sujeito surdo organiza seu mundo visual, imprime sua personalidade individual e coletiva do Ser Surdo. O compartilhamento dessas expressões com as comunidades surdas e ouvintes possibilitará o fortalecimento do povo surdo e de sua herança histórica, além de estabelecer o seu espaço cultural e político.

O folclore é um aspecto cultural que significa e re-significa o conhecimento de um povo, para que não se perca. É um processo ativo, que se cria e se recria conforme o momento histórico vivenciado. Por muito tempo as produções artísticas foram espaço de reivindicações por direitos dos surdos e, naturalmente, ainda são, mas em novas circunstâncias. Essas produções também são espaço para manifestação de suas angústias, de seus traumas, embora haja um constante movimento de mudança, de avanços, de superação. A arte foi e é um lugar de expressão, de entretenimento, de prazer, mas também de reivindicação dentro de qualquer cultura, e o povo surdo não é exceção a essa regra.

A partir do momento que as produções artísticas do povo surdo passam a ser registradas, sua língua e sua cultura entram em um espaço mais permanente, que outras pessoas podem acessar com maior facilidade. É uma troca de conhecimento cultural que enriquece as relações, permitindo que a própria comunidade surda possa se expandir. Entre os surdos, é fundamental que essas produções artísticas estejam acessíveis, pois esse contato atua diretamente na construção de sua identidade, reconhecendo a sua língua e o orgulho de ser surdo. Ou seja, a arte também é responsável pelo desenvolvimento da autoestima do sujeito. Sentir-se parte, pertencente a um povo e uma comunidade, contribui para um desenvolvimento emocional saudável. As histórias, os poemas e as piadas ajudam o surdo a refletir sobre suas próprias questões psicológicas, sociais, espirituais, que de outra forma teriam mais dificuldade em encontrar expressão. Contar e ver histórias sinalizadas produz sensações de prazer, de reflexão, de análise sobre si, sobre a vida. São momentos de integração consigo mesmo, com os outros, com a natureza e com o amor. Por meio da expressão artística, muitos assuntos podem ser abordados de forma criativa, mais acessível e mais democrática.

Podemos dizer que o folclore sinalizado e a literatura surda se correspondem, pois ambos têm sido produzidos de forma artística e criativa. Sem questionar a formalidade ou informalidade da *performance*, *deaflore* e *signlore* estão impregnados de cultura, sistematizada por aspectos linguísticos e estéticos que caracterizam uma poesia ou uma piada, por exemplo. O festival de folclore sinalizado pode constituir-se

em um cânone da literatura surda, pois foram produzidas e apresentadas obras literárias de grande valor para o povo surdo. Trata-se de um produto intelectual, um conjunto de saberes e conhecimentos que são expressos através de histórias e poesias. Os conhecimentos que são passados nas performances apontam para uma intenção comunicativa do artista para com o público, produzindo desde uma forte emoção até a mera veiculação de informação, provocando reações em quem está assistindo.

Outros festivais de literatura em língua de sinais

O festival de folclore “Os Craques da Libras” se desenvolveu a partir de experiências de festivais anteriores dos quais alguns de seus organizadores participaram. Festivais de folclore ou literatura sinalizada não são novos. Conforme Hall (1989) e Rutherford (1993), por muitos anos, as associações de surdos realizaram concursos sinalizados de poesia, embora, nesse contexto, o termo "poesia" tenha sido tradicionalmente limitado às traduções de obras poéticas de línguas orais para línguas de sinais.

Castronovo, Bragg e Lentz (2006) detalham o desenvolvimento da poesia sinalizada dentro do movimento de literatura surda. A oficina de poesia organizada pelo Instituto Tecnológico Nacional de Surdos (NTID), Estados Unidos, em 1984, em que Allen Ginsberg discutiu poesia imagética com poetas surdos, é frequentemente citada como um dos primeiros eventos de poesia sinalizada. Em 1987, o NTID realizou a primeira Conferência Nacional de Poesia de Surdos, evento em que cinco poetas surdos realizaram seus trabalhos e participaram de painéis de discussão. Em 1991, a Primeira Conferência Nacional de Literatura de ASL, também no NTID, incluiu apresentações, performances e discussões em línguas de sinais. Em 1996, o NTID realizou um congresso internacional de literatura de línguas de sinais. Também houve competições, tais como os campeonatos *haiku* (um tipo de poema japonês), organizados em homenagem ao poeta surdo Robert Panara, em 2001 e 2002, no NTID e no Colégio de Tecnologia Tsukuba, no Japão. Em 2003, a revista literária *Slope* promoveu um concurso nacional de poesia em ASL.

Em 2006, como parte de uma pesquisa de doutorado que investigou o *haiku* sinalizado, Michiko Kaneko organizou o primeiro festival de *haiku* em Língua de Sinais Britânica (BSL) na Universidade de Bristol, na Inglaterra. O *haiku* sinalizado foi desenvolvido pela poetisa Dorothy Miles, na década de 1970. O concurso de poesia de Robert Panara, o “PEN Internacional” em ASL, mostrou que tais competições podem

gerar excelentes obras literárias como resultado. Rachel Sutton-Spence uma das coordenadoras do Festival “Os Craques da Libras”, participou na coordenação do festival de BSL Haiku e trabalhou com a ajuda do poeta britânico Alan Summers, além de mais quatro poetas surdos reconhecidos. Nesse festival, as atividades *haiku* foram desenvolvidas ao longo de um fim de semana, culminando com uma apresentação dos poetas e uma competição em que os participantes do festival apresentaram os seus trabalhos poéticos. O festival teve resultados significativos. Os poemas compostos foram disponibilizados na internet, para permitir mais pesquisas e disseminação dos trabalhos. Os poetas reunidos no festival trabalharam depois com os outros artistas e com os pesquisadores da Universidade. Os membros da comunidade surda passaram a conhecer o conceito de *haiku* sinalizado.

A partir desse primeiro festival, compreendemos a importância de dar continuidade a algumas ações. A ideia de um festival de poesia, em que os poetas surdos trabalham com outros membros da comunidade surda, para desenvolver habilidades em poesia sinalizada, foi parte integrante de um projeto de pesquisa e extensão elaborado na Universidade de Bristol, no Reino Unido, entre 2009 e 2012. Anualmente, a equipe de poetas surdos, ao longo de um fim de semana, realizava um festival de poesia, contando com a participação de poetas surdos renomados, tais como Paul Scott, Richard Carter, John Wilson, Donna Williams, Johanna Mesch (da Suécia) e Kabir Kapoor. O evento sempre contava com a participação dos membros da comunidade surda britânica e, assim como no caso do festival *haiku*, esses outros festivais também eram gratuitos.

No primeiro dia, sempre no sábado, os participantes aprendiam certas formas de poesia e criavam os seus próprios trabalhos. À noite, era realizados *shows* de poesia na associação de surdos, em colaboração com a comunidade surda. Poetas reconhecidos apresentavam seus trabalhos e os participantes do festival se sentiam capazes de desenvolver os seus próprios poemas, com apoio de tutores, permitindo que todos os membros da comunidade surda que desejassem desenvolver essas habilidades artísticas pudessem se apresentar. Contudo, após uma reação negativa à ideia de competição em 2006, não houve mais competições. No domingo, os participantes continuavam com as oficinas, com base na experiência da noite anterior, e gravavam em vídeo os poemas que tinham produzidos, para serem postados na internet.

Em março de 2012, quatro poetas britânicos (Paul Scott, Richard Carter, John Wilson, Donna Williams) e três americanos (Debbie Rennie, Peter Cook e Kenny

Lerner) participaram de um festival internacional no Swarthmore College, Pennsylvania, intitulado *Signing hands across the water*, que pode ser traduzido o português como: “mãos que sinalizam através do mar”. O festival incluiu um *show* realizado pelos poetas, assistido por membros da comunidade e estudantes universitários, uma mesa de discussão em que os poetas discutiram as experiências americanas e britânicas de poesia em língua de sinais e uma discussão sobre o show. Os poetas trabalharam com membros da comunidade surda para criar os seus próprios poemas. Como alguns ouvintes sentiram-se excluídos do evento, foi criada uma oficina simultânea onde esse outro público discutiu questões de tradução de poesia sinalizada para a língua oral. O festival, ainda que muito bem sucedido, exigiu um trabalho de interpretação muito complexo e caro, para tornar o evento acessível a diversas línguas: BSL, ASL e Inglês.

Muitos aspectos desses encontros de poesia em ASL e BSL puderam ser reproduzidos no festival de folclore “Os Craques da Libras”. Com o apoio da Universidade, performances, oficinas e mesas de discussão envolveram os poetas surdos e demais participantes. Com o campeonato, aconteceu a inclusão do elemento competitivo, ainda que de maneira lúdica e informal. O formato dos dois dias, assim como outros aspectos, tais como a questão da interpretação e o apoio financeiro, foi discutido antes e depois do festival. Esse *feedback* sobre o trabalho desenvolvido foi importante para que, no futuro, seja possível aprimorar a organização de novos eventos semelhantes.

No Brasil, nos anos de 2004 e 2005, foram realizados o primeiro e o segundo “Seminário Paranaense de Surdos”, na cidade de Faxinal do Céu, Paraná, com verba da Secretaria de Educação do Estado e coordenação da pedagoga Sueli Fernandes. Participaram do seminário quase 700 alunos surdos, professores e pais dos alunos, com objetivo de incentivar e desenvolver a aprendizagem dos participantes. Durante os quatro dias em que ocorreu o seminário, foram realizados minicursos e oficinas. Eles também assistiram palestras de doutorandos e mestrandos surdos, de São Paulo, Rio de Janeiro, Florianópolis, Rio Grande do Sul e Estados no Norte do país, para que os alunos pudessem ampliar seus conhecimentos com surdos de destaque na vida acadêmica nacional. Durante as noites, os alunos assistiram à primeira e à segunda mostra de arte surda, com artistas surdos profissionais apresentando teatro e poesia. Após assistir aos shows, os alunos aprenderam a fazer teatro e poema, interagindo entre

eles. Vimos então que o folclore que serve de base aos festivais de cultura surda já existe no Brasil há muito tempo.

Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, no período entre 13 e 15 de novembro de 2011, foi também realizado o “Festival Brasileiro de Cultura Surda”. O evento teve como objetivo dar visibilidade e contribuir para a divulgação das produções culturais das comunidades surdas, potencializando intercâmbios entre os diferentes atores envolvidos. Esse festival congregou quatro eixos: mídia-cinema, literatura, teatro e artes visuais, que foram discutidos e apresentados durante o evento através de palestras, mini-cursos e ilhas temáticas, nas quais foram abordados temas relacionados às artes visuais, Letras-Libras, teatro e Literatura. Foram desenvolvidas atividades como exposição de pôsteres, pintura, colagens, fotos e desenhos, projeção de vídeos. Além disso, foram realizadas as mesas-redondas para debate de temas relacionados a Literatura, Cultura e Educação, Artes Visuais, Mídias/Cinema e Teatro. Também foram ministrados minicursos com vários temas, incluindo tradução literária, cinema surdo, literatura e cultura surda, teatro e arte em Língua de Sinais ³. Houve também apresentações teatrais do artista surdo Sandro dos Santos Pereira, de São Paulo, dos palhaços surdos da Companhia de Teatro Mãos Livres, do Pará, e de artistas internacionais (um grupo argentino e o artista Rob Roy, da Austrália). Ao final, houve ainda um momento livre, aberto ao público, para apresentações.

O “Festival Brasileiro da Cultura Surda”, promovido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2011, foi um momento especial de troca de conhecimentos, experiências e, principalmente, de manifestação da cultura surda brasileira e internacional. Nesse evento, a língua de sinais foi exaltada e vivenciada de maneira única. O festival que mostrou a diversidade das produções culturais surdas ficará na memória de todos que dele participaram.

O festival sinalizado “Os Craques da Libras”

A iniciativa de organizar o Festival “Os Craques da Libras” teve uma dupla motivação: a artística e a social. Em primeiro lugar, a reconhecida função social da arte e da literatura, na promoção de alegria e integração social, gerando um ambiente auspicioso, fundamental para que toda a comunidade surda, incluindo seus familiares e colegas de trabalho ouvintes possam desenvolver um olhar positivo sobre a surdez e a língua de sinais. Em segundo lugar, compreendemos que a arte e a literatura têm

assumido, historicamente, um papel social de vanguarda na sinalização das tendências filosóficas, políticas e culturais da sociedade, como foi, por exemplo, a Semana de Arte Moderna no contexto brasileiro do século XX.

Dessa forma, o evento “Os Craques da Libras”, que esperamos ser o primeiro de uma série, poderia contribuir para transformar o estatuto social e político da língua de sinais e da surdez no país, colocando as pessoas surdas em pé de igualdade com as pessoas ouvintes nos mais diversos âmbitos da vida social brasileira. No decorrer do festival, Surdos e ouvintes sinalizantes de todas as idades e níveis de conhecimento foram convidados a assistir as performances de histórias, piadas teatro e poesia apresentados por artistas consagrados pelo uso artístico da Libras no Brasil. Esses artistas também participaram de oficinas, competições e compartilharam suas próprias histórias.

Folclore e literatura sinalizados podem ser importantes para o entretenimento e a diversão, mas são fundamentais para a educação, particularmente em comunidades que não têm um sistema de escrita consolidado. Na verdade, deve-se aqui ressaltar o fato de que, apesar das propostas de sistemas de escrita para as línguas de sinais, nenhum deles foi até agora amplamente adotado pelas pessoas surdas que preferem se comunicar em contextos de (corp)oralidade. Para os surdos, essas formas de expressão artística permitem a transmissão de sua cultura e ensinam valores culturais para as novas gerações. Em sua maioria, esses surdos nasceram em famílias ouvintes e estudam/trabalham em ambientes que não utilizam a língua de sinais como meio de comunicação. Raríssimas crianças e jovens surdos têm acesso a eventos literários e artísticos, tal como acontece nesses festivais. Por isso, esse tipo de acontecimento promove, não apenas a integração social e cultural dos surdos, mas também o desenvolvimento de habilidades artísticas e estéticas em língua de sinais.

A literatura surda brasileira existe desde quando os surdos deste país começaram a viver como comunidade e a se socializar. Em termos documentais, os primeiros registros datam do período da fundação do Instituto Nacional de Educação de Surdos, em 1856, mas o conhecimento social sobre a arte em Libras tem estado restrito à comunidade surda, e ainda é pouco conhecido fora dela. Muitas pessoas se perguntam, por exemplo: “É possível ter poesia em língua de sinais?” Ainda que a resposta óbvia seja: “Claro que sim!”, essa prática cultural ainda não é bem conhecida no mundo dos ouvintes brasileiros. As próprias pessoas surdas em muitos casos não sabem que aquilo que elas fazem com a sua língua de sinais é de fato literatura, e que essa produção

artística faz parte do patrimônio artístico, literário e cultural brasileiro. Desse modo, este festival contribuiu para trazer maior visibilidade e elevar o status da comunidade surda, de sua língua de sinais e sua literatura.

O festival “Os craques da Libras” foi direcionado principalmente para as pessoas surdas, mas também pessoas ouvintes envolvidas com a área da surdez – familiares de surdos, profissionais que trabalham com surdos, estudantes da área de Libras, dentre outros. No que diz respeito à faixa etária, embora o evento fosse aberto a jovens com idade superior a 12 anos, poucos se inscreveram no festival e a participação mais significativa foi de adultos. Em razão do 4º Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, que ocorrera na semana anterior ao evento, outros participantes de outros Estados somaram-se ao público local da Grande Florianópolis para o evento do fim de semana, tendo sido estimado um total de 150 participantes. Por causa da exigência de que todos os participantes fossem fluentes em Libras, não houve necessidade de intérpretes.

O festival “Os Craques de Libras”, de caráter interinstitucional, resultou de uma parceria entre a Universidade Federal de Santa Catarina e a Associação de Surdos da Grande Florianópolis, com apoio financeiro e logístico da Secretaria de Cultura da UFSC (SECULT). A divulgação do evento ocorreu de duas formas: antes do evento, por meio de cartazes impressos, divulgados em locais físicos e digitais, juntamente com vídeos gravados e colocados nas redes sociais e no *You Tube*. Após o evento, por meio da publicação de fotos e vídeos das apresentações em um site que utilizou o domínio da UFSC: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/130149>

As oficinas foram formadas por duplas de craques e divididas em três temas: piadas e humor surdo; narrativas e contos da comunidade surda e poesia. A primeira oficina, de piadas e humor surdo, foi ministrada por Bruno Ramos, Mestrando da UFSC, e Sandro dos Santos Pereira, Professor do Derdic, em São Paulo. A segunda, de narrativas e contos da comunidade surda, foi conduzida por Nelson Pimenta, Professor do Instituto Nacional de Educação de Surdos, no Rio de Janeiro, e Rimar Romano, Ator da Cia Silencio e Arte, de São Paulo. A terceira oficina, de poesia, foi conduzida por Fernanda Machado, Doutoranda e Professora da UFSC, e o britânico Richard Carter, Professor de Elmfield School for the Deaf, na Inglaterra. Assim, os craques ofereceram as oficinas em duplas, de acordo com suas especialidades, e os participantes foram divididos em grupos de cerca de 40 a 50 participantes, para se revezarem em cada uma das três oficinas. A quantidade de participantes foi considerada adequada para cada

dupla de oficinairos, de acordo com as experiências prévias dos organizadores. As oficinas aconteceram em três períodos: sábado de manhã e de tarde e domingo de manhã.

Nas oficinas, os craques mostraram técnicas de elaboração da literatura em Libras, trabalhando com os participantes, que tiveram a tarefa de preparar, individualmente ou em grupo, apresentações para uma competição que foi realizada no domingo à tarde, contando com os craques como banca de avaliação. As melhores apresentações foram premiadas e os participantes vencedores receberam um certificado de mérito do evento. Por fim, no sábado à noite, os craques fizeram performances de seu repertório próprio de apresentações para todo o público do evento. Ao nosso relato, acrescentamos os relatos de dois participantes surdos, a respeito da importância do festival “Os Craques da Libras”. O depoimento foi gravado em Libras e apresentamos aqui a tradução para o português de alguns trechos significativos.

Primeiro relato

O festival de folclore sinalizado realmente é um evento muito importante para a comunidade surda. Alguns de nós já tiveram experiências anteriores de contato com a literatura em línguas de sinais, porém principalmente na forma de teatro, ocasionalmente. Neste festival, tivemos uma riqueza de produções literárias (piadas, contação de histórias, poesias) na forma de oficinas, apresentações e campeonatos. Mesmo nós, quando éramos crianças ou jovens, não sabíamos que os surdos tinham a sua própria literatura. Víamos os livros infantis, como “O Pequeno Príncipe”, mas essas obras não tocavam a gente, porque eram produzidas numa segunda língua para os surdos, o Português. A literatura em língua de sinais é diferente. Ficamos imersos no mundo da visualidade e da Libras, que é a nossa primeira língua.

Segundo relato

Gostamos muito da diversidade de temas e dos craques em suas apresentações. Por exemplo, muito interessante ver as poesias podendo ser realizadas na forma de duplas, como os poetas Fernanda e Richard mostraram. É difícil escolher qualquer um dos craques como “o melhor”. Todos foram maravilhosos e cada um tinha um estilo muito diferente do outro. Fernanda sempre trazia poesias com toda a sua delicadeza; Sandro e Bruno fizeram grandes performances, com grande riqueza de expressões faciais e corporais; Rimar trazia sempre conteúdos implícitos para provocar a reflexão do público; Nelson explorava muitas estratégias para envolver e chamar a atenção do público. O festival emocionou muito a todos nós e pudemos aprender muito com os craques e esperamos que tenhamos novos festivais como esse no futuro.

O festival foi um grande sucesso, mas também pudemos aprender com alguns equívocos. As inscrições foram gratuitas, mas após a avaliação final do evento, julgamos que teria sido melhor pedir a todos que pagassem algum valor, ainda que simbólico. Com a inscrição gratuita, muitos dos inscritos acabaram não comparecendo ao evento, roubando a oportunidade de outras pessoas participarem. Também foram desperdiçados recursos com a impressão de certificados que não foram entregues. Colocamos um limite de 200 pessoas e tivemos mais de 200 inscrições, mas somente 50% dos participantes apareceu no dia. Em nossa avaliação, concluímos que contribuir com o pagamento pelo evento pode ser uma alternativa para sanar esse problema, além de auxiliar nas despesas com lanches, higiene e limpeza. Oferecer café a partir dos serviços de uma empresa comercial também acabou se mostrando muito caro. Concluímos que seria melhor permitir à associação dos surdos vender lanches e café, de modo a promover um envolvimento ainda maior da associação no festival.

Acreditamos que tenha sido cumprido a contento o objetivo do festival “Os Craques da Libras”, que foi o de difundir, para toda a comunidade surda brasileira, a alegria e a beleza de suas variadas formas de expressão e arte literária. O evento também foi positivo por ter auxiliado a fomentar o desenvolvimento de novas habilidades na Libras. Nossa expectativa é de que cada participante, ao retornar a sua cidade, sintam-se melhor capacitado para levar a literatura sinalizada a sua própria comunidade.

Abstract

The festival of signed folklore “Os Craques de Libras [the Brazilian Sign Language Superstars] was the result of a partnership between the Federal University of Santa Catarina (UFSC) and the Greater Florianópolis Deaf Association, supported by the UFSC Department of Culture (SECULT). This event showed that there are people in the Deaf community highly skilled in the creation and performance of signed stories, poetry and jokes. Such festivals, which have been held in Brazil and other countries provide an opportunity to bring together the deaf community, strengthen deaf identity, develop sign language and transmit folkloric practices to newer members of the community. As an experiment that recognizes the collaborative nature of deaf folklore, this article was written as a collaborative exercise among deaf and hearing researchers, including undergraduates, masters and doctoral students and professors.

Key words: deaf folklore, sign language festival, brazilian sign language.

Resumen

El festival de folklore "Os Craques de Libras", Las Súper Estrellas de la Lengua de Signos Brasileña, fue el resultado de la colaboración entre la Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC) y la Asociación de Sordos de la Gran Florianópolis, con el

apoyo del Departamento de Cultura de la UFSC (SECULT). Este evento demostró que en la comunidad sorda hay personas altamente cualificadas para crear y contar historias, poesía y chistes signados. Estos festivales, que se celebran en Brasil y en otros países, ofrecen a la comunidad sorda una oportunidad de reunirse, fortalecer su identidad y desarrollar la lengua de signos, transmitiendo sus historias a los nuevos miembros de la comunidad. Reconociendo la naturaleza colaborativa del folklore de los sordos, este artículo se escribió como un ejercicio de colaboración entre investigadores sordos y oyentes, incluyendo estudiantes de grado, máster y doctorado, y profesores universitarios.

Palabras clave: folklore sordo, festival de lengua de signos, lengua de signos *Libras*.

Notas

1. O registro em vídeo das produções em línguas de sinais também tem criado novas possibilidades de elaboração da linguagem visual. Um exemplo do desenvolvimento das performances surdas na mídia do vídeo pode ser encontrado nas estratégias cinematográficas presentes no poema “5 sentidos”, em tradução do artista surdo brasileiro Nelson Pimenta do original do poeta surdo britânico Paul Scott, em: <https://www.youtube.com/watch?v=xmOnY1B2jEI>
2. Rachel Sutton-Spence e Ronice Muller de Quadros discutem os termos Deaflore e Signlore, cunhados pelo folclorista surdo americano Simon Carmel (1996), em Quadros (2006).
3. Palestrantes e mediadores brasileiros: André Reichert, Germano Dutra Junior, Bruno Ramos, Tatiana Martins da Silva, Francielle Cantarelli, Jefferson Bruno M. Santana, Valquíria Avancini, Fabiano Rosa, Leane P. Cordeiro, Tatiane Martins da Silva, Fernanda Machado, Carolina Hessel, Patrícia Rezende, Cláudia Hayakawa Cláudio Mourão, Sandro dos Santos Pereira e Cléber Couto. Convidados estrangeiros: Thomas K. Holcomb (EUA), Marta Morgado (Portugal) Rachel Sutton-Spence (Inglaterra) Gabriela Bianco (Argentina), Bárbara Gerner de Garcia (EUA), Orquídea Coelho (Portugal).

Referências

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 22 dez. 2014.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, DF, 25 abr.2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm>. Acesso em: 22 dez. 2014.

CARMEL, Simon. Deaf folklore' in Jan Harold Brunvand. In: BRUNVAND, Jan Harold (Org.). **American Folklore: an encyclopaedia**. New York: Garland Publishing, 1996.

CASTRONOVO, J; BRAGG, B; LENTZ E. M. Timeline of ASL Literature Development. In: BAUMAN H-D; NELSON J & ROSE H. (Orgs..) **Signing the Body Poetic**. California: University of California Press, 2006.

HALL, S. A. **The deaf club is like a second home: an ethnography of folklore communication in american sign language**. 1989. Tese (Doutorado em Antropologia), Universidade de Pennsylvania, Pennsylvania, 1989.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MCCLEARY, L. Technologies of language and the embodied history of the deaf. **Sign Language Studies**, v. 3, n. 2, p. 104-124, 2003. Disponível em: <http://muse.jhu.edu/journals/sign_language_studies/toc/sls3.2.html>. Acesso em: 02 jan. 2014.

QUADROS, R. M; SUTTON-SPENCE, R. Poesia em sinais: traços da identidade surda. In: QUADROS, R. M. de (Org.). **Estudos surdos I: série de pesquisas**. Petrópolis: Arara Azul, 2006.

RUTHERFORD, S. **A Study of American Deaf Folklore**. Burtonsville, Md.: Linstok Press, 1993.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.